

# Antologia de H.B

Carlos Herik B. Batista



Apresentado por

*Meu Lado Poético* 

## Dedicatãria

*A mim mesmo...*

## Agradecimentos

A vida, a meus sentidos e a minha mente, pois, vivendo, posso experienciar e perceber o mundo ao meu redor, e ressignificá-lo em versos...

## Sobre o autor

H.B, ou melhor, Carlos Herik Berson Batista, é um jovem escritor cearense, natural de Crato, cuja escrita nasce do silêncio, da observação e das coisas que quase nunca são ditas em voz alta. Aos 20 anos, transforma sensações abstratas, memórias fragmentadas e estados emocionais difíceis de nomear em textos marcados pela introspecção, romance, melancolia e delicadeza existencial. Acadêmico de Direito e formado como técnico em informática, encontra na escrita um espaço onde razão e sensibilidade coexistem. Sua forma de escrever carrega uma atenção incomum aos detalhes cotidianos — objetos, ambientes, gestos e ausências — criando narrativas e poemas que caminham entre o íntimo e o filosófico. Além da literatura, H.B também é multiinstrumentista, tendo na música outra extensão natural da própria expressão emocional. A influência musical atravessa sua escrita no ritmo, nas pausas e na construção quase atmosférica de suas imagens e sentimentos. Cristão reformado, carrega em sua visão de mundo reflexões sobre permanência, propósito, silêncio e natureza humana, ainda que muitas vezes isso apareça de forma sutil em seus textos. Sua escrita não busca respostas definitivas, mas o reconhecimento sincero daquilo que existe dentro das pessoas e raramente encontra linguagem. Entre versos silenciosos, pensamentos existenciais e emoções contidas, H.B constrói uma identidade literária marcada pela honestidade emocional e pela beleza das coisas que permanecem mesmo quando não conseguem ser explicadas.

## resumo

O Silêncio Antes do Mundo

O Fantasma Que Caminha Comigo

Caderno de Horas

Entre Margens e Memórias

Pequeno Tratado Poético Sobre Amar

Gravura de Constelação

Presença

O Sábio e o Jovem

## O Silêncio Antes do Mundo

Há existências que carregam dentro de si uma nevasca que antecede tudo no mundo.

Não é tristeza.

Porque ela ainda pertence aos homens.

Isto é diferente.

Algo imóvel, mineral, e muito quieto para receber um nome.

Como as catedrais grandiosas que resistem ao tempo, em uma solidão profunda, mas que mesmo assim permanecem guardando as memórias daqueles que um dia andaram por entre suas salas colossais.

A muito tempo, tanto tempo, um vazio que é simplesmente tão natural como transpor salões inundados, olhando as horas deformarem-se sob águas antigas e escuras.

Os rostos iam e vinham.

As vozes se acumulavam como poeira sobre móveis esquecidos

As manhãs passando uma a uma com a certeza cruel daquilo que permanece independentemente de ser amado

E ainda assim,

em algum ponto inalcançável da matéria invisível que sustenta a existência,  
algo permanecia esperando.

Não esperança.

Porque ela ainda olha para frente.

Aquilo olhava para trás,

para uma região tão remota do espírito que talvez jamais tivesse pertencido ao rio que guia tudo.

Por vezes, durante as noites mais silenciosas, havia a impressão de que toda vida não passava de uma tentativa desesperada de retornar a alguma coisa esquecida antes mesmo do nascimento.

Como se existir fosse só consequência de uma separação antiquíssima.

Talvez por isso certos encontros carreguem tanto peso.

Não chegam como novidades.

Chegam como reconhecimento.

E reconhecer é terrível.

Porque aquilo que reconhece não usa memória, nem razão, nem linguagem.

É algo mais profundo,  
algo que antecede o próprio ato de sentir.

E de súbito, tudo sofre uma alteração quase imperceptível.

As ruínas continuam iguais.

As estações continuam a mudar.

Os relógios continuam arrastando suas correntes sobre os dias.

Mas o que é real ganha um novo rosto.

Como a face do universo, que até então era vazio e mecânico, passasse a esconder uma respiração mais sutil e tímida embaixo do cobertor.

E durante um breve intervalo - tão breve que às vezes nem parece ter realmente acontecido - tudo se torna leve.

Não pela alegria.

A alegria é ruidosa, superficial, instável.

O que existe ali é algo muito mais profundo e devastador, semelhante a uma paz impossível, uma suspensão momentânea da eterna condição de estrangeiro.

Como se duas solidões tão infinitamente remotas tivessem se encontrado nos escombros do mesmo vazio primordial.

Mas nada que pertence ao mundo permanece intocável.

O rio que tudo carrega corrói até mesmo aquilo que jamais deveria ter sido tocado por ele.

E então começa uma lenta deterioração incorpórea.

Não significa perda.

A perda ainda pressupõe distância.

Há coisas que continuam presentes e, ainda assim, tornam-se inalcançáveis.

Como estrelas mortas cuja luz continua atravessando o frio e a escuridão muito depois de seu fim.  
Talvez a forma mais profunda da ruína é quando algo permanece existindo apenas como um flagelo da alma.

Depois disso, toda continuidade se torna estranha.

E os dias passam a possuir uma textura quase teatral, irreal.

As conversas parecem repetir frases ditas há tanto tempo quanto há tempo por pessoas que nunca estiveram verdadeiramente vivas.

Os afetos tornam-se pequenos demais.

As palavras tornam-se pequenas demais.

Até o sofrimento parece insuficiente diante daquilo que silenciosamente se instalou nas regiões mais internas do indizível.

Não é uma simples ausência.

Porque ela chora, implora, adoece.

Esta não.

Esta apenas permanece.

Imensa

Solene

Imóvel.

Como neve que se acumula sobre sepulturas esquecidas.

E pouco a pouco, experiências atravessam a existência de uma forma irreversível.

Sem deixar marcas.

Apenas estruturas.

Algo é deslocado para sempre dentro da arquitetura invisível do espírito.

Tudo já não está onde costumava estar.

Os olhos continuam a contemplar,  
mas já não são de onde eram.

Há sempre um pedaço voltado para dentro,  
escutando,  
tentando ouvir novamente aquela voz impossível  
que um dia fez o nada parecer menos eterno.

Talvez por isso algumas almas envelheçam cedo demais.

Não é sofrimento.  
Porque ele purifica.

Mas por terem tocado, ainda que por um instante quase ínfimo, pequeno demais para ser chamado de ser, algo absoluto demais para coexistir com a banalidade da continuidade humana.

E então passam a existir como ruínas conscientes de si mesmas.

Belas de longe.  
Inabitáveis por dentro.

No entanto, existe certa dignidade obscura nisso tudo.

Porque há profundidades que jamais poderiam ser alcançadas sem destruição.

Certas portas só se abrem para aquilo que foi partido.

Talvez o próprio amor - em sua forma mais pura e silenciosa - não seja exatamente um sentimento, mas uma espécie de lembrança metafísica de inteireza.

Uma recordação que não pode existir no mundo concreto.

Por isso desaparece.  
Ou aparenta desaparecer.

Na verdade, talvez apenas afunde.

Desce lentamente através das camadas da consciência, atravessa  
linguagem,  
memória,  
carne,  
identidade...

até repousar naquele lugar imóvel onde todas as coisas essenciais  
permanecem sepultadas antes mesmo de nascerem.

E ali continua.

Não vivo.

Não morto.

Apenas eterno à sua maneira reservada.

Como velas acesas no interior de um templo submerso,  
ardendo há séculos debaixo de águas escuras,  
muito abaixo do alcance das mãos humanas,  
muito abaixo da própria esperança...

*Herik Batista, 27 de maio, 2026*

## O Fantasma Que Caminha Comigo

Eu lembro do instante em que o mundo pareceu perder o foco,  
e você surgiu como um detalhe aceso no meio da escuridão que eu carregava.  
Não era pra eu notar, mas notei.  
Pra eu sentir, mas senti.  
E desde aquele dia, vivo seguindo reflexo teu que a vida insiste em repetir,  
mesmo sem ter acontecido.

É curioso como certas presenças são tão fortes que doem antes mesmo de existir.  
Você foi essa estranha luz ? fraca, mas certa, tímida, mas inteira ?  
iluminando justamente o lugar onde eu evitava olhar.

Desde então, comecei a caminhar como quem procura algo que nunca viu,  
mas reconheceria de longe.  
Teus passos imaginados guiam uma parte de mim que o corpo não alcança.

E eu sei que é loucura,  
mas tem noites que o vento me chama com teu cheiro,  
e a cidade inteira parece suspirar teu nome sem dizer nada.  
É como se você fosse um segredo que o mundo conhece, menos eu.  
Ou talvez eu conheça demais ? e por isso doa.

Tentei fingir que não era nada, que era só distração.  
Mas certas coisas não pedem permissão pra ficar.  
Crescem no chão da alma como raiz antiga:  
silenciosa, profunda, impossível de arrancar.

Eu tentava andar pra longe,  
mas sempre que dobrava alguma esquina da vida, lá estava você...  
invisível, mas tão presente que parecia tocar meu destino com as pontas dos dedos.

E o pior é que esse toque que nunca existiu  
é o que mais arrepia.  
O beijo que nunca dei

é o que mais queima.  
E a história que nunca vivemos  
é a que mais lembro.

Eu sigo tentando entender por que certas conexões nascem onde não deveriam,  
florescem no terreno proibido,  
insistem em ser poesia num mundo que só aceita o literal.

Com você, tudo virou metáfora.  
Tudo virou símbolo.

Você é o verso que eu repito sem perceber,  
é o suspiro que eu guardo pra não me perder,  
é a rima que acontece antes de eu querer.

E mesmo sem nunca ter tido você,  
eu sinto saudade do que não chegou a acontecer.

Tem dias em que acordo achando que te esqueci.  
Mas basta o sol bater do jeito certo na janela,  
e você volta inteira dentro de mim ?  
como se a luz tivesse memorizado tua forma.

Basta uma música tocar,  
e meu peito responde antes que eu entenda.  
Parece até que teu nome mora escondido  
em algum canto das minhas costelas.

E eu tento expulsar, juro que tento...  
mas é como empurrar o mar com a mão:  
é inútil, é pequeno,  
é bonito e doloroso ao mesmo tempo.

Você sempre esteve longe demais para eu alcançar,  
perto demais para eu ignorar.  
Assim nasceu a minha condenação:

caminhar entre a vontade e a impossibilidade,  
entre o desejo e o destino.

É como correr atrás de um trem que já partiu,  
mas continua me chamando.  
Ou como acender uma vela num vento que não permite luz,  
mas teima em soprar esperança no instante seguinte.

E eu sei...  
Tem amores que são feitos pra ficar na borda.  
Na margem.  
Na metade da página.  
Amores que não se escrevem, mas se sentem.  
Que não acontecem, mas transformam.

Volta e meia, eu penso em te deixar.  
Deixar essa ideia de você que eu inventei com tanto cuidado,  
como quem desmancha um nó apertado no peito.

Mas aí alguma memória que não existe  
insiste em me visitar ? e eu deixo ela entrar.

Porque, de um jeito estranho, tua ausência  
é a companhia mais constante que já tive.

E dói admitir...  
mas tem vazio que abraça melhor que presença.  
Tem falta que conforta mais que encontro.

A verdade é que você se tornou minha oração silenciosa,  
minha saudade sem motivo,  
meu poema sem papel.

Eu caminho com teu fantasma do lado,  
e ele é tão gentil, tão familiar,  
que chego a pensar que talvez seja isso mesmo:

você nunca foi pessoa, foi sentimento.

Nunca foi corpo,  
foi destino não cumprido.

E destino que não cumpre vira música.  
E música... vira eternidade.

No fundo, eu já entendi.  
Existem histórias que nascem pra ser lembradas, não vividas.  
Existem encontros que o universo marca, mas nunca realiza.

E existem amores ? raros, profundos, impossíveis ?  
que preferem morar na alma, não no mundo.

E mesmo assim...  
mesmo sabendo que você é linha que nunca encontrará minha costura,  
mesmo sabendo que te tocar é tão impossível quanto segurar o vento,  
eu continuo aqui.

Guardando você como quem guarda um tesouro que não pode usar.  
Sentindo você como quem sente música sem letra.  
Amando você como quem ama algo que nunca existiu ?  
mas que preenche, aquece e marca  
como se tivesse sido real o tempo inteiro.

Herik Batista, 28 de maio, 2026

## Caderno de Horas

*A casa acorda antes de mim.  
O chão ainda está frio,  
E a luz entra pela fresta  
Como quem não quer ser notada.*

*Mas há algo no ar  
Que não é falta  
Nem presença.*

*As coisas permanecem nos mesmos lugares,  
Mas parecem ligeiramente deslocadas,  
Como se tivessem sido lembradas  
Em vez de vividas.*

*O relógio faz sua função,  
Mas não convence.  
Os ponteiros passam  
Sem realmente chegar.*

*O dia começa  
Com a educação de sempre,  
E eu respondo  
Com o silêncio que aprendi.*

*Há uma xícara esquecida na mesa.  
O café já esfriou  
Antes de ser recusado.  
Ninguém comentou.*

*As paredes sabem mais do que dizem.  
Guardam ecos*

*De vozes que não ficaram tempo suficiente  
Para virar memória nítida.*

*A janela sempre aberta,  
Mas nada entra.  
O vento apenas confirma  
Que o mundo segue.*

*Os passos na rua  
Têm um ritmo próprio,  
Um compasso que não me chama,  
Mas insiste em existir.*

*Há uma canção distante,  
Vinda de algum lugar indefinido.  
Não reconheço a melodia,  
Mas ela me reconhece.*

*O corpo faz coisas definidas:  
Andar, sentar, respirar.  
Tudo acontece  
Sem consulta prévia.*

*O coração, por sua vez,  
Aprendeu a bater baixo,  
Como quem não quer interromper  
A ordem das coisas.*

*Há um peso discreto nos objetos,  
Uma gravidade que não se mede.  
As chaves no bolso,  
Os sapatos ao lado da porta,  
Tudo parece esperar algo  
Que não foi relevado*

*O espelho devolve um rosto*

*Funcional.*

*Nenhuma pergunta.*

*Nenhuma resposta.*

*As horas escorrem*

*Com a paciência das coisas inevitáveis.*

*Nada dói o suficiente*

*Para ser chamado de dor.*

*A tarde se inclina*

*Com certa delicadeza,*

*E a luz começa a errar os caminhos*

*Dentro do cômodo.*

*Há beleza nisso,*

*Mas uma beleza que exige cuidado,*

*Como vidro fino*

*Esquecido no escuro.*

*Algumas lembranças passam*

*Sem pedir permissão.*

*Não chegam a se instalar,*

*Apenas atravessam.*

*Outras ficam,*

*Sentadas em silêncio,*

*Observando tudo*

*Como quem já esteve aqui antes.*

*A noite se aproxima*

*Após pedir licença.*

*As sombras crescem*

*Do jeito que sempre cresceram.*

*Nada termina...*

*Nada começa...*

*As coisas apenas continuam  
Sendo o que são.*

*E no meio disso tudo,  
Existe esse estado impreciso,  
Esse intervalo  
Entre o que foi sentido  
E o que nunca se disse.*

*Não é uma tristeza declarada.  
Não é vazio.  
É um entendimento mudo  
De que algo importa demais.*

*A casa fecha as janelas.  
O dia se retira  
Com a mesma educação com que entrou.*

*Fico.*

*Não esperando.  
Não desistindo.*

*Apenas ficando.*

*Herik Batista, 29 de maio, 2026*

## Entre Margens e Memórias

O rio passa manso à beira da cidade  
Levando folhas, nomes, tardes de verão  
E eu parado ouvindo a eternidade  
Dentro do silêncio do teu coração

As luzes tremem sobre a correnteza  
Como lembranças tentando voltar  
Toda partida guarda uma beleza  
Que só o tempo consegue enxergar

Te encontrei num fim de madrugada  
Quando a chuva cansava de cair  
Tuas mãos tinham cheiro de estrada  
E um jeito bonito de partir

Desde então, cada ponte que atravesso  
Tem um pouco do que fomos nós  
Como se o amor deixasse impresso  
Seu eco baixo entre os lençóis

O rio nunca pede permanência  
Ele entende o destino das marés  
Há pessoas que são só presença  
Outras viram o chão dos nossos pés

Mesmo assim, quando a água se inclina  
Refletindo o céu do entardecer  
Penso em tudo que a vida termina  
Só pra dar espaço a outro nascer

Já perdi tanta coisa na corrente  
Sonhos fundos, promessas sem cais  
Mas a dor também segue em frente

Nenhuma noite afoga os temporais

Te amar foi como ouvir ao longe  
Uma canção perdida no vapor  
Triste dessas que ninguém responde  
Mas que ainda assim floresce em flor

E se um dia eu te encontrar de novo  
Noutra margem qualquer desse lugar  
Talvez eu já não seja o mesmo homem  
Que ficou vendo teu barco passar

Talvez haja calma nos meus olhos  
Talvez menos medo de perder  
Porque o rio ensina aos poucos  
Que viver também é desprender

Há beleza nas coisas que escapam  
No que muda sem nos consultar  
As estrelas também se apagam  
Só pra madrugada clarear

Então deixa o tempo correr solto  
Como água beijando o litoral  
O amor não é prender o outro  
É saber contemplar o temporal

E quando enfim chegar setembro  
Com seus ventos varrendo o quintal  
Quero apenas guardar teu nome  
Como um verso antigo e natural

Porque algumas almas permanecem  
Mesmo longe, mesmo após partir  
Como rios que desaparecem  
Só pra em outro canto ressurgir

...

*Herik Batista, 30 de maio, 2026*

## Pequeno Tratado Poético Sobre Amar

O amor vem manso, feito uma brisa calma  
Que penteia as folhas do ipê no quintal,  
Traz no olhar um lume de coisa sagrada  
E nos lábios a prece do bem e do mal.

Ele não pede licença ao relógio  
Nem consulta os alfarrábios do destino,  
Simplismente acontece, qual alvorada  
Que rompe a noite sem pedir caminho.

Vem às vezes em forma de carta tardia  
Com caligrafia torta e perfume de jasmin,  
Outras vezes chega sem nome nem rosto,  
Só um pressentimento dizendo "é por aqui".

Há um amor que é menino descalço  
Correndo solto no cais da memória,  
Riscando nomes na areia do tempo  
Antes que a maré apague a história.

Há outro amor que é velho e sereno,  
De fala mansa, de gesto contido,  
Que senta na varanda da tarde  
E sorri do que foi e do que não foi vivido.

O amor também é ausência que dói  
Como saudade de coisa que ainda não veio,  
É fome de abraço no frio da alma  
E silêncio que grita no peito alheio.

É o amor carnal, febril, indomável  
Que incendeia o corpo e turva a razão,  
Que faz do toque uma oração profana

*E do suspiro um cântico de perdição.*

*Mas há o amor que é rito e ofício,  
Que acorda cedo e faz café ralo,  
Que aprende a amar nos dias difíceis  
Quando o mundo pesa feito um fardo.*

*Esse amor não tem lira nem versos fáceis,  
Não vive de juras nem de luar,  
Ele se escreve na poeira dos dias  
E se assina no verbo ficar.*

*O amor é pássaro sem geografia,  
Migra de peito em peito sem avisar,  
Ora pousa em promessas eternas,  
Ora foge com medo de se enraizar.*

*É amante, é amigo, é abrigo, é ferida,  
É riso frouxo e pranto contido,  
É porto seguro em noite de tormenta  
E nau à deriva em mar proibido.*

*Amor é quando o outro vira espelho  
E a gente se vê mais do que é,  
Quando o erro alheio vira ternura  
E a falha do outro nos ensina fé.*

*É quando o tempo perde o compasso  
E o agora se alonga em eternidade,  
Quando dois corações desafinam juntos  
E chamam isso de felicidade.*

*Amor é reza sem igreja nem santo,  
É milagre sem bula nem explicação,  
É Deus passeando no corpo no corpo do homem  
E o homem tropeçando na própria salvação.*

*Há um amor que é transcendência pura,  
Que não pede posse nem condição,  
Que ama sem nome, sem rosto, sem corpo,  
Só pela sacralidade da criação.*

*Esse amor mora em todo gesto mínimo:  
No pão repartido, no perdão tardio,  
No copo d'água oferecido ao estranho  
E no afeto guardado em silêncio frio.*

*O amor é verbo que nunca se conjuga  
No tempo exato que a gente quer,  
Ele sempre chega cedo demais  
Ou tarde demais para quem espera fé.*

*Mas quando chega, desordena tudo:  
A lógica, o medo, o mapa e o chão,  
E a gente aprende que amar é cair  
Sem garantia de ressurreição.*

*Ainda assim, a gente ama,  
Porque amar é o único luxo do pobre,  
É a única herança que o tempo respeita  
E a única morte da qual se sobrevive*

*Amar é aceitar o risco do abismo  
Com um sorriso meio sem jeito,  
É apostar o infinito num gesto infinito  
E morar no outro sem escritura no peito.*

*O amor também é perda anunciada,  
É despedida ensaiada desde o início,  
É plantar jardim sabendo de antemão  
Que o inverno virá cobrar seu tributo.*

*É segurar uma mão que vai embora  
Como quem segura um punhado de vento,  
É sorrir para não morrer de tristeza  
E chamar de maturidade o sofrimento.*

*O amor é essa contradição viva:  
Quer durar para sempre, mas nasce mortal,  
Quer ser eterno, mas mora no instante  
E se desfaz na poeira do real.*

*Há amores que são tempestade breve  
E outros que são garoa persistente,  
Uns derrubam árvore do coração,  
Outros regam raízes lentamente.*

*Há amores que salvam sem prometer céu,  
E outros que afundam com falsa redenção,  
Uns são pão quente na mesa da fome,  
Outros são vinho que embriaga a razão.*

*O amor também é egoísmo disfarçado  
De lirismo, entrega e boa intenção,  
É querer o outro para nos preencher  
E chamar dependência de paixão.*

*Mas há amor que se despoja de si,  
Que ama livre, sem jaula nem rédea,  
Que prefere perder do que aprisionar  
E chama renúncia de comédia.*

*Amar é aprender a dizer adeus  
Sem matar dentro da gente o querer,  
É deixar o outro partir inteiro  
E ainda assim permanecer.*

*O amor é escola sem diploma,*

*Sem currículo, sem direção,  
Onde a dor é mestra severa  
E a ternura, lição.*

*É reprovar no orgulho repetidas vezes  
Até aprender a humildade do chão,  
É perder quem se ama por teimosia  
E ganhar solidão por promoção.*

*O amor é arte sem técnica exata,  
É improvisado, tropeço e invenção,  
É desafinar bonito na vida  
E chamar erro de canção.*

*É escrever cartas que nunca serão lidas,  
É pedir perdão tarde demais,  
É dizer "fica" quando já é tarde  
E sorrir quando tudo dói mais.*

*No amor, a gente vira estrangeiro  
No próprio território do peito,  
Tudo que era certo vira dúvida  
E tudo que era simples vira enredo.*

*E mesmo assim, amor meu  
Mesmo cansado, traído, descrente,  
A gente insiste em amar de novo  
Como quem insiste em ser gente.*

*Porque amar é o último gesto  
De rebeldia contra o nada,  
É dizer "eu creio" sem dogma  
Numa existência desalmada.*

*Amar é um ato metafísico  
Num mundo que só crê no visível,*

*É plantar eternidade em carne  
E chamar isso de possível.*

*No fim, quando a voz se calar,  
Quando o nome virar pó na memória,  
Quando o corpo devolver à terra  
O empréstimo breve da história,*

*Vai restar apenas esse sopro antigo  
Que atravessa o tempo e a razão:  
um rumor de ternura infinita  
Que chamamos, em silêncio: amor...*

*Herik Batista, 31 de maio, 2026*

## Gravura de Constelação

Se o universo ousasse dizer teu nome,  
as estrelas perderiam o brilho,  
pois há em ti uma luz serena que nem o céu consegue conter.  
Há algo em ti que transforma o caos em arte,  
como fogo dançando na chuva sem jamais perder sua essência.  
Teus olhos guardam noites tranquilas e tempestades escondidas;  
quem mergulha no teu silêncio nunca retorna da mesma maneira.  
Teu sorriso é como cometa,  
na madrugada riscando o céu,  
e até a tristeza parece menor quando encontra tua luz.  
Há pessoas que passam como vento,  
mas você não ? você fica,  
como constelação gravada  
no coração de quem observa  
...

*Herik Batista, 1 de junho, 2026*

## Presença

*Há dias em que o mundo desacelera.  
Sem aviso.  
Sem motivo aparente.  
Como se o próprio tempo,  
cansado de correr,  
decidisse respirar mais fundo.  
E é nesses instantes  
que tudo se torna mais nítido.  
O vento encontra seu caminho.  
A luz repousa exatamente onde deveria.  
E a criação inteira parece sussurrar  
uma verdade antiga  
que esteve ali o tempo todo.  
Existe uma beleza que não pede atenção.  
Não se impõe.  
Não faz alarde.  
Não precisa convencer ninguém.  
Apenas existe.  
Serena.  
Constante.  
Como uma melodia escondida  
sustentando a canção inteira  
sem jamais ocupar o centro dela.  
E, por vezes,  
essa beleza ganha forma humana.  
Não da maneira que o mundo costuma admirar.  
Não pelas aparências.  
Não pelos aplausos.  
Mas de um jeito mais raro.  
Um jeito manso.  
Como quem carrega dentro de si  
uma luz tranquila,*

*uma fidelidade silenciosa,  
uma verdade que não necessita ser anunciada.  
É curioso perceber  
como algumas pessoas não chegam mudando tudo.  
Não ocupam todos os espaços.  
Não exigem ser vistas.  
Elas apenas permanecem.  
E, sem perceber,  
tornam o ambiente mais leve.  
Mais harmonioso.  
Mais humano.  
Como mãos delicadas  
afinando um instrumento antigo.  
Como uma nota exata  
encontrando seu lugar na música.  
Há algo de profundamente belo nisso.  
Porque em meio à pressa,  
às aparências  
e ao ruído constante do mundo,  
existem almas que simplesmente são.  
E talvez seja justamente isso  
que as torna tão raras.  
Há uma beleza que não se aprende.  
Não se fabrica.  
Não se imita.  
Ela nasce de um lugar mais alto  
e encontra morada  
naqueles que escolhem,  
dia após dia,  
caminhar com verdade,  
com leveza,  
com temor,  
com graça.  
E quando percebemos isso,  
algo dentro de nós silencia.  
Não para por falta de palavras.*

*Mas por respeito.  
Como quem contempla um pôr do sol.  
Como quem escuta uma canção  
que não deseja ver terminar.  
Talvez por isso  
algumas inspirações não venham de longe.  
Não nasçam de feitos grandiosos.  
Nem de coisas extraordinárias.  
Às vezes elas chegam discretamente.  
Quietas.  
Serenas.  
Em forma de presença.  
E então escrevemos.  
Não para explicar.  
Não para possuir.  
Não para revelar segredos.  
Mas porque certas belezas,  
quando finalmente reconhecidas,  
pedem para viver também  
em palavras.  
E isso,  
por si só,  
já é uma forma de gratidão.*

*Herik Batista, 3 de junho, 2026*

## O Sábio e o Jovem

*Certa vez, um jovem encontrou um sábio e lhe perguntou o que ele acreditava ser aquilo que nos move a viver.*

*? O que nos move a viver? ? questionou o jovem.*

*? Mulheres?*

*? Dinheiro?*

*? Fama?*

*? Para mim, tudo isso parece como correr atrás do vento.*

*? Há uma inquietação em meu ser que não me permite repousar enquanto não descobrir o que realmente nos move a viver.*

*? Vivo até hoje, neste instante, e no seguinte.*

*? Caminho.*

*? Respiro.*

*? Persigo.*

*? Mas não enxergo aquilo que me faz prosseguir.*

*O sábio permaneceu em silêncio por um momento.*

*Então perguntou:*

*? Jovem... mas o que é viver?*

*O rapaz hesitou.*

*? É sonhar?*

*? Apenas isso? ? tornou o sábio.*

*? E se os sonhos não se realizarem?*

*O jovem refletiu por alguns instantes.*

*? Ainda assim, fico satisfeito por lhes dar forma.*

*? Por contemplar algo que existe para além de mim.*

*? Algo que permanece vivo apenas como um ideal.*

*? Imaculado pelo decaimento das coisas humanas.*

*O sábio sorriu.*

*? Vejo que também carregas alguma sabedoria.*

*? Mas ainda sonhando, deixas escapar aquilo que os sonhos tentam alcançar.*

*? Por isso, escuta-me:*

*? Viver é caminhar em direção a algo que teu coração recorda, ainda que tua mente já não se lembre.*

*? É buscar uma felicidade cujo nome desconheces, mas cuja ausência reconheces.*

*? É sentir falta de algo que jamais viste por completo, mas que, de algum modo, sempre esteve*

*contigo.*

*? Tudo aquilo que mencionaste pode mover teus passos.*

*? Mulheres.*

*? Dinheiro.*

*? Fama.*

*? Sonhos.*

*? Conquistas.*

*? E até mesmo as tuas dores.*

*? Mas nenhuma dessas coisas consegue preencher inteiramente o vazio que carregas.*

*? Pois elas apenas refletem, de forma imperfeita, aquilo que realmente procuras.*

*O jovem permaneceu em silêncio.*

*Como se aquelas palavras despertassem uma lembrança distante.*

*Então o sábio continuou:*

*? Não apenas sonhe.*

*? Sinta.*

*? Corra.*

*? Agarre.*

*? Deixe voar.*

*? Chore quando for preciso.*

*? Recomece quando for necessário.*

*? E, após isso...*

*? Volte ao início.*

*? Pois tudo retorna ao seu princípio.*

*? Os dias.*

*? As estações.*

*? Os rios.*

*? Os homens.*

*? E nós também.*

*? Buscamos em muitos lugares aquilo que parece faltar-nos.*

*? Damos nomes diferentes a essa ausência.*

*? Vestimo-la com desejos.*

*? Com conquistas.*

*? Com amores.*

*? Com lembranças.*

*? Com promessas.*

*? E ainda assim ela permanece.*

? Silenciosa.

? Esperando.

? Talvez porque certas coisas não tenham sido feitas para serem encontradas de uma só vez.

? Mas para serem reconhecidas.

O jovem abaixou os olhos.

E pela primeira vez, não parecia procurar uma resposta.

Parecia escutá-la.

Então o sábio concluiu:

? E talvez, ó jovem...

? Ao final de tua caminhada...

? Descubras que aquilo que procuravas desde o princípio

? Também procurava por ti.

Herik Batista, 17 de junho, 2026